

O significado de uma data p. 4

Com o pé direito p. 6

A vida inteira pela frente p. 8

Esporte para iniciantes p. 12

Os bons filhos

Professores e estagiários que já foram alunos do Sabin falam da experiência de voltar ao Colégio que os formou p. 10



Valores: convivência e harmonia

Desde sua fundação, em 1993, o Sabin mostra-se comprometido com um ensino que vai além de uma formação acadêmica consistente e de qualidade. É nosso papel desenvolver a autonomia e as competências dos alunos, tanto nos estudos como na vida. Acreditamos que devemos prepará-los para viver em um mundo globalizado, de forma solidária, respeitando as diferenças, construindo e transformando os espaços em que estejam presentes.

Em 2012, o tema que rege o nosso ano acadêmico no Sabin é “Valores: convivência e harmonia”. A escolha desse norte para nossas ações não se deu de forma aleatória. Valores como solidariedade, justiça, dignidade, respeito ao outro, harmonia e tole-

No Sabin, a convivência é edificada no respeito e no diálogo

rância sempre formaram a base de nossa proposta. Assim sendo, decidimos – mais uma vez – evidenciar esses valores, legitimando o ano vigente como um espaço para refletirmos de forma intensa e sistemática sobre eles.

Embora os valores não constem do currículo escolar na forma como as disciplinas tradicionais aparecem, eles são trabalhados transversal e cotidianamente. Desde a relação que se estabelece entre professor e aluno até a relação entre os próprios alunos, as noções de cooperação, de respeito ao próximo, de com-

promisso com as demais pessoas que nos cercam e de sensibilidade, tão imprescindíveis ao convívio humano, fazem-se presentes.

Acreditamos que, mesmo a escola sendo um microcosmo, é aqui que as relações sociais são experienciadas primeiro e se tornam modelo daquilo que os alunos viverão para além dos muros escolares. Toda a nossa equipe se empenha em auxiliar os estudantes a romper com o individualismo, com con-

cepções preconceituosas ou com posturas de indiferença aos dramas sociais e coletivos. Estaremos auxiliando-os, assim, a serem cidadãos plenos, que consigam construir um sentido em suas escolhas e que possam contribuir – com competência e sensibilidade – para a superação dos grandes desafios contemporâneos.

Dessa forma, proponho, não apenas para o ano acadêmico vigente, mas para todos os anos subsequentes, que nos coloquemos sempre no lugar do outro, para que possamos compreendê-lo melhor e consigamos estabelecer uma convivência edificada no respeito e no diálogo. Proponho também que o Sabin continue sendo um espaço que auxilie os alunos a se constituírem como sujeitos comprometidos com o ambiente em que estão inseridos, de forma responsável e harmônica.



Laércio Carrer
Coordenador Pedagógico
do Ensino Fundamental II
lcarrer@albertsabin.com.br

NOTA DO EDITOR:

O **MAIS Cultura e Informação** acaba de completar 18 anos e está diferente. As mudanças no projeto gráfico já começam pela capa e continuam pelas próximas páginas, como vocês poderão ver. Mas a mudança mais significativa é conceitual e pode ser resumida em uma frase: o **MAIS** está mais a cara do Sabin. Isso porque ampliamos os espaços de colaboração dos alunos – se antes já havia a seção Faça MAIS, com uma reportagem de autoria de um aluno ou de uma aluna, agora contamos também com ilustrações assinadas por estudantes. E, com um espaço maior para as matérias, teremos mais e maiores fotos dedicadas àqueles que mais importam para o Colégio: nossos alunos. Boa leitura!

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção:** Giselle Magnossão **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Denise Araújo, Florinda Manuchaguian, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer, Dionéia Menin **Diagramação e Arte:** Giovanna Angerami **Redação:** Alexandre Bandeira, Patrícia Oliveira **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira MTB 49.431 **Produção Gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Fotografias:** Divulgação Sabin, Julia Salles e Paulo Barcelos **Revisão:** Angela Maria Folloni de Souza, Adriana Duarte **Impressão:** Flor de Acácia **Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação** – Tiragem de 6.000 exemplares – Distribuição gratuita – Abril de 2012

“Moral ensinada é moral vivida”

Pesquisadora fala sobre a formação de indivíduos justos e generosos

Justiza, respeito, cooperação, solidariedade, compaixão, generosidade. A importância desses valores para a formação moral de uma criança é inquestionável. Mas, para MARIA SUZANA STÉFANO MENIN, enquanto não saírem do discurso e se manifestarem em ações práticas cotidianas, essas palavras terão pouco ou nenhum efeito. Formada em Psicologia, com mestrado e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Maria Suzana é professora da pós-graduação em Educação da Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) e pesquisadora especializada nos processos da formação moral e da personalidade das crianças. Em entrevista ao MAIS, ela explica um pouco desses processos e insiste: moral ensinada é a moral vivida.



Em que medida escola e família colaboram para formar indivíduos generosos?

Podemos dizer que a generosidade é um sentimento moral que pode ser muito precoce em crianças e que deveria ser mais aproveitado pelas escolas e pelas famílias. Infelizmente, não é. Na sociedade competitiva em que estamos, raramente a escola ou a família pedem ou reconhecem atos de generosidade. O que tem sido mais exigido é o respeito, no sentido apenas da não violência. A justiça, por sua vez, é confundida com a obediência a regras pouco discutidas com as crianças. Talvez o melhor a fazer seja que a escola e a família vivam um ambiente respeitoso, justo, generoso, digno; a moral, como nos ensinaram Piaget e vários outros autores, deve ser vivida para ser aprendida, e a simples transmissão oral de valores não tem quase nenhum efeito.

viam um ambiente respeitoso, justo, generoso, digno; a moral, como nos ensinaram Piaget e vários outros autores, deve ser vivida para ser aprendida, e a simples transmissão oral de valores não tem quase nenhum efeito.

Como se dá a formação moral de uma criança?

Existem várias teorias sobre isso, mas uma das mais adotadas é a de Jean Piaget [teórico suíço, um dos mais importantes pensadores do campo da pedagogia e da aprendizagem]. Segundo esse autor, a moral se forma na convivência da criança com outras crianças e com os adultos. Nessa convivência, ela vai exercitando seus sentimentos morais e descobrindo valores, regras, normas e princípios. Piaget descreve dois estágios nesse processo de formação: o da heteronomia e o da autonomia. O primeiro se desenvolve principalmente nas relações da criança com os adultos e acontece pela imposição de regras do mais velho ao menor, que as obedece por temor e por imitação. Já a autonomia se consolida por meio da convivência com outras crianças, iguais entre si; a criança descobre, em relações mais cooperativas, por que existem regras, qual a sua utilidade para o grupo, qual a vantagem social de valores como cooperação, solidariedade e justiça. Uma criança moralmente autônoma adota essas regras e valores porque concorda, por si mesma, que eles são válidos e importantes.

Que orientações você dá aos pais para formarem indivíduos comprometidos com uma sociedade mais justa?

Uma sociedade *mais justa* é uma sociedade que ainda não existe, não é mesmo? Então, devemos agir, cotidianamente, como se ela pudesse existir e dependesse de nossas ações. Para isso, é preciso uma sensibilidade moral no dia a dia: devemos voltar a nos indignar com mendigos na rua, crianças pedindo esmolas, violência, enfim, fatos que não deveriam acontecer.

Como educar filhos com personalidades distintas para que adotem os mesmos valores?

Mesmo que se viva num ambiente moral justo, acontecem diferenças de personalidade. Isso faz parte do ser humano, é da individualidade de cada um. Ainda assim, é possível ensinar com base em regras justas e aceitáveis na família, na escola e na sociedade. Por exemplo: duas crianças podem sentir raiva com diferentes intensidades, uma pode ser mais impulsiva que a outra, mas ambas podem aprender que, em vez de partir para a agressão, elas podem falar de seus sentimentos e pedir o que precisam.

O significado de uma data

O projeto **Datas que fazem História** mostra que os feriados têm lições importantes para ensinar sobre o nosso país.

ILUSTRAÇÃO POR JULIANA CASQUEL, LAURA PRADO, LETÍCIA BUZI, RAFAEL CABETE, SÉRGIO LUDITZA JR. E TERESA CONTI, ALUNOS DO 5º ANO



Qual o significado do Carnaval? Quem foi Tiradentes e por que há um feriado em sua homenagem? O que significa a expressão “Proclamação da República”? Foi para tornar os alunos capazes de responder a essas e a outras perguntas que o Sabin desenvolveu o projeto **Datas que fazem História**.

A assessora de História e Geografia do Ensino Fundamental I, Luciana Acorsi, idealizadora do projeto, sempre buscou a melhor forma de explicar aos alunos que país é este em que vivemos. “[Falar sobre] datas cívicas pode parecer uma tradição desnecessária ou fora de moda, diante da demanda tão complexa que é a da escola hoje. Mas, se não for no ambiente escolar, quando se estabelecerá a relação entre uma data cívica e a história contada nos livros?”, reflete Luciana. Um assunto que poderia ser tratado apenas por seu aspecto festivo, assim, torna-se gancho para a valorização da história e da cultura brasileiras. “Nossos feriados não podem ser vistos apenas como um dia de passeio e de descanso.”

Desde 2004, o projeto se inseriu na rotina pedagógica de todas as turmas do Fundamental I e, aos poucos, devido aos resultados positivos, foi sendo incorporado também à Educação Infantil. Na prática, em datas como Carnaval ou Dia do Índio, atividades conjuntas nas disciplinas de Português, História, Geografia e Artes são elaboradas, levando-se em consideração o conteúdo de cada faixa etária. “Cada série é responsável pelo estudo a respeito de uma data do calendário nacional, compartilhando suas pesquisas e descobertas com a comunidade por meio de murais artísticos nos corredores do Sabin”, diz a assessora.

Dessa forma, às turmas do 1º ano do Fundamental I cabe, por exemplo,

um estudo sobre costumes indígenas, próximo ao Dia do Índio (19 de abril). Ao 2º ano, cabe o foco na bandeira nacional (adotada em 19 de novembro de 1889, quatro dias após a Proclamação da República), incluindo uma atividade de releitura artística da bandeira em diferentes suportes e cores. Com as turmas do 3º ano, o índio retorna à cena, mas dessa vez com ênfase na influência que exerce sobre a cultura do país. Para o 4º ano, as obras de Cândido Portinari inspiram um estudo sobre a participação do negro e do mestiço na formação do homem brasileiro, a propósito de datas como a Abolição da Escravatura (13 de maio) e o Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro). Finalmente, no 5º ano, os alunos estudam datas como o Dia de Tiradentes (21 de abril), o da Independência (7 de setembro) e o da Proclamação da República (15 de novembro). Além disso, essa turma realiza uma análise crítica do Hino Nacional para interpretar, por meio de desenhos, estrofes da música. O resultado de um desses trabalhos ilustra esta matéria.

Mas o projeto pedagógico tem se mostrado ainda mais amplo. Tendo sido criado para incentivar a reflexão sobre a história do país, desde 2011 o projeto ganhou novas datas que dizem respeito ao presente e ao futuro não só do Brasil, mas do planeta inteiro. “Inserimos o Dia Mundial da Água (22/03) no Pré II e no 4º ano; os Dias da Terra (22/04) e da Árvore (21/09) no 1º ano; o Dia Mundial dos Animais (04/10) no 2º ano; o Dia da Ecologia (05/06) no 3º ano; e o 5º ano também trabalhará o Dia da Terra. Fizemos essas inserções para ampliar as discussões em torno da temática ambiental”, diz a coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I, Dionéia Menin.



trânsito

O **MAIS** entra no espírito da **Campanha trânsito+educado**, que o Sabin realizou no início do ano, para promover comportamentos seguros e solidários no trânsito. Se você se preocupa em respeitar as leis e adotar uma postura cidadã ao volante, aqui vão algumas informações que você talvez ainda não saiba:

1 São Paulo tem o 6º trânsito mais desgastante do mundo, diz pesquisa da empresa IBM. Antes de se irritar, reflita: a culpa pode não ser do motorista à sua frente. **Estamos todos no mesmo barco.**

2 O livro *Por que dirigimos assim?* cita estudos que mostram que as pessoas ficam mais dispostas a cooperar quando podem se olhar nos olhos, uma situação que *não ocorre* no trânsito. **Lembre-se disso ao avaliar o comportamento dos outros - e o seu próprio.**

3 Experimento realizado pelo Depto. de Trânsito de Washington: 1 kg de arroz despejado de uma só vez demora mais para transpor um funil do que se deramado aos poucos. Imagine que o funil seja as ruas, e os carros, os grãos de arroz. **A pressa de todos atrasa a todos.**

4 Música ajuda a relaxar? Que tal ouvir esta do Lenine: *Gentileza é fundamental/ Não adianta esquentar a cabeça/ Não precisa avançar no sinal* (“Rua da Passagem”). **Acesse: letras.terra.com.br/lenine/250619**





Novas figurinhas no Sabin: o Projeto Tutoria ajuda na transição para a nova escola.

Com o pé direito

Ingressar em uma nova escola pode ser difícil. Mas os novos alunos do Sabin só veem motivos para elogiar.

Sentados, lado a lado, sob a sombra de uma das árvores do pátio principal do Sabin, **Matheus Morais** e **Helena Soares**, do 6º ano, **Luís Fernando Arruda** e **Larissa dos Santos**, do 7º, e **Matheus Goya** e **Giovana Lara**, do 8º, formam um grupo à parte dos outros alunos que aproveitam o intervalo e o sol do final de fevereiro. Essa distância é incomum. Recém-chegados ao Sabin, os alunos estão ali apenas para dar uma entrevista ao **MAIS**; no restante do tempo, garantem os seis, já estão bem integrados à nova escola e aos novos colegas.

“Já estou amigo da classe toda”, diz Matheus Morais. “Aqui é fácil fazer amigos, as pessoas puxam assunto com você.” Helena concorda: “As pessoas convidam para almoçar junto. Na minha outra escola, a gente precisava se convidar.”

Fazer amizades, é claro, é uma via de mão dupla. Matheus e Helena não se sentiriam à vontade entre os novos colegas se não estives-

sem, eles próprios, abertos a novas amizades. O mesmo pode ser dito de Luís Fernando, Larissa, Giovana e do outro Matheus (Goya). Mas uma proposta que ajuda os novos alunos como eles a ingressar no Sabin com o pé direito é o Projeto Tutoria, que, durante as primeiras semanas de aula, atribui a cada novato um companheiro “veterano”, que o apresenta ao Colégio, aos professores, aos colaboradores e aos amigos.

“Aqui é fácil fazer amigos, as pessoas puxam assunto com você”

“Faz muita diferença”, diz Larissa, logo complementada por Matheus Goya: “É bom ter companhia. É muito chato andar sozinho pelo Colégio.”

“Todos os novos alunos aprovam enfaticamente o Projeto Tutoria”, diz Viviane Paiva, assistente da Coordenação Pedagógica do

Ensino Fundamental II. A etapa que vai do 6º ao 9º ano (ou dos 11 aos 14 anos de idade, na maioria dos casos) é particularmente delicada para uma mudança de escola. Ou, como prefere Viviane, é uma situação mais “intensa”: “O início da pu-

berdade vem com uma série de conflitos interpessoais e também com a falta de experiência para lidar com esses conflitos”, diz a assistente. Em 2012, o Sabin está recebendo 67 novos alunos no Fundamental II. Para eles, o Projeto Tutoria é uma forma de tornar a aproximação com os colegas mais tranquila.

Encerrado o assunto amizade, os seis alunos reunidos sob a árvore passam a considerar a nova escola. O consenso parece ser o de que a realidade corresponde às expectativas (exceto pelo tamanho do Colégio, que surpreendeu a todos, por ser “muito maior” do que suas escolas antigas).

Matheus Morais e Luís Fernando dizem que já sabiam da reputação do Sabin como “uma escola muito avançada”, de “ensino forte” – e acreditam que nos próximos anos o conteúdo fique “ainda mais puxado”. Larissa, que tem amigos no Ensino Médio, confirma a suspeita dos colegas: “Vi os livros deles; são bem difíceis.”








Isso não os espanta, no entanto. De fato, eles demonstram valorizar as oportunidades que o Colégio dá para aprimorarem sua educação. Giovana cita o ensino de Inglês, estruturado

por nível de domínio do idioma, como um verdadeiro curso de línguas. Matheus Goya diz gostar de poder ter aulas preparatórias para as Olimpíadas de Matemática. Larissa, que está fazendo Xadrez pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura, sente ter feito uma boa escolha: “Sabia que ajuda no raciocínio? As pessoas que tiram as melhores notas nos vestibulares fizeram Xadrez”, diz a menina.

O Sabin+Esportes&Cultura, aliás, mereceu elogio de todos, pela variedade de atividades oferecidas. Além do Xadrez, Larissa está fazendo vôlei. Giovana e Luís Fernando optaram por natação e handebol. Matheus Morais está no vôlei. Matheus Goya, no futsal, na natação e no Xadrez. Já Helena está podendo soltar a voz no Coral, além de fazer ginástica rítmica.

Adaptados às novas amizades, à estrutura e ao ritmo do Sabin, os seis alunos se mostram felizes. A saudade dos antigos colegas, dizem, pode ser atenuada via internet e redes sociais. Quando Matheus Morais afirma, entre prudente e entusiasmado, “por enquanto, não quero mudar de colégio”, os outros acenam com a cabeça, em sinal de aprovação conjunta de sua nova escola.

Segundo o professor de Informática do Sabin, **Paulo Fontes**, chega um momento na vida de uma criança em que ela deixa de ver o computador como brinquedo e passa a usá-lo como ferramenta de relações sociais. Mais cedo para uns do que para outros, a adesão a redes sociais como o Facebook abre diversas possibilidades de informação e interação social para os adolescentes – mas não sem alguns riscos. “O Facebook é ótimo para manter contato e trocar informações com amigos que compartilham de seus interesses. Precisamos apenas tomar algumas precauções.” Abaixo, algumas dicas de Paulo para uma navegação sem dor de cabeça.

-  **Só comece a usar o Facebook a partir dos 13 anos.**
-  **Evite expor sua vida pessoal em fotos ou mensagens.**
-  **O Facebook permite escolher quem lê o que você publica; escolha apenas os seus amigos.**
-  **Só se comunique com quem você conhece na vida real.**
-  **Não aceite qualquer convite, nem abra arquivos recebidos de pessoas desconhecidas.**
-  **Não fale para ninguém suas senhas. Escolha senhas compostas de letras e números.**
-  **Informe sempre a um adulto qualquer problema que tiver.**



A vida inteira pela frente

Para os concluintes do Sabin em 2011, o excelente desempenho nos vestibulares foi só o começo.

Existem algumas formas de comprovar que sua escola lhe ofereceu uma boa formação. Uma delas é obter bom desempenho nos vestibulares mais concorridos. Outra, é perceber que, diante do ritmo intenso de estudos, da complexidade dos conteúdos acadêmicos e do ambiente social diversificado que você encontra numa universidade, você se sente não apenas preparado. Você se sente à vontade.

É o caso de **Giuliana Spadoni**, concluinte do Sabin em 2011. No ano passado, ela alcançou excelentes colocações nos cursos de Enfermagem da Unicamp (1ª lugar), Unesp (2ª), Unifesp (10ª) e UFRJ (15ª). Preferiu a USP (5ª), onde tem presenciado um debate fervilhante sobre a presença da Polícia Militar no *campus*, sobre segurança e autonomia universitária. “E nós já estávamos por dentro de tudo, já conhecíamos os argumentos do debate e tínhamos o que acrescentar”, diz a menina, referindo-se também à amiga **Raquel Espinosa** – Nutrição na USP, aprovada ainda na Unesp, na Unicamp e nos cursos de Química da Fa-

culdade Oswaldo Cruz e de Gastronomia na Anhembi Morumbi (1ª lugar em ambos). “Mesmo sendo uma escola privada, o Sabin não era uma ‘bolha’, a gente foi preparada para o mundo”, diz Raquel.

As duas calouras demonstram maturidade ao falar do privilégio de ter estudado numa escola de qualidade. “O Sabin não só nos deu uma base muito forte, como também uma formação cidadã; sabemos que estamos numa instituição pública e que devemos retornar o investimento à sociedade”, diz Giuliana.

Os amigos **Alexandre Jones**, **André Pelisser** e **Cauê Bin** também se sentem confortáveis em sua nova realidade como alunos da Escola Politécnica, na USP. Já nos primeiros dias de aula, André, que está cursando Engenharia Mecânica – foi aprovado também na Unesp (1ª lugar) e no curso de Medicina da UFRJ (3ª) –, sentiu que teve uma formação acima da média: “Na disciplina Introdução à Química Tecnológica, a gente vai fazer algumas das mesmas experiências que fizemos no laboratório do

O que você espera do futuro?
Assista a depoimentos em vídeo de concluintes do Sabin.

Sabin. O professor se surpreendeu porque a gente sabia acender um bico de Bunsen.”

Ao serem questionados sobre suas ambições, os três são unânimes em distinguir realização profissional de ganhos financeiros. Para Alexandre – aluno de Engenharia Mecatrônica, aprovado também em Administração na FGV, Engenharia de Controle e Automação na Unicamp e Engenharia Elétrica na Unesp (5ª

lugar) –, ganhar bem será reflexo de esforço, e não o foco: “Se tiver de escolher entre um emprego num banco, com ótimo salário, e um estágio em minha área, topo o estágio”. Já Cauê – aluno de Engenharia Civil, aprovado no mesmo curso pela Unicamp, UFSCar (4ª lugar) e Unesp (5ª) – se sente afortunado: “Sempre tive vontade de construir. Dei sorte de fazer o que gosto num mercado de trabalho bom”, diz ele, avaliando as perspectivas de um engenheiro civil.

atenados com o que acontece ao redor, preparados para as demandas acadêmicas, os ex-colegas ainda se mostram tranquilos com um aspecto no qual uma universidade, principalmente pública,

difere muito de uma escola: a diversidade de tribos. “Isso eu trago do Sabin: saber lidar com as pessoas, ter respeito pelas diferenças”, diz **Gustavo Tiguman** – Farmácia Bioquímica na USP, aprovado também no Mackenzie (1ª lugar), na Oswaldo Cruz (2ª), na Unicamp (9ª) e na Unesp (9ª).

Thais Campos – Psicologia na USP, mesmo curso que a qualificou para a PUC-SP (12ª lugar), para a Unifesp e para a Unesp – relata ter colegas de mais de 50 anos, com os quais convive perfeitamente. Para alguém que se diz “interessada em conhecer as pessoas” (por isso

a escolha por Psicologia, aliás), a experiência é muito rica. “Os amigos na faculdade formam um grupo muito diverso, é muito legal”, diz a menina.

A naturalidade e o entusiasmo com que Thais, Giuliana, Raquel, Alexandre, André, Cauê e Gustavo falam do novo ambiente só comprovam que eles saíram daqui preparados para enfrentar um mundo plural, do qual a universidade é apenas o primeiro passo. Essa é outra boa forma de comprovar que sua escola lhe ofereceu uma formação de qualidade.

“O Sabin nos deu uma base muito forte, mas também uma formação cidadã”

ILUSTRAÇÃO POR GIULIANA SPADONI, CONCLUINTE DO SABIN EM 2011



ÁUREA BAZZI

ex-professora de Química, nova coordenadora adjunta do Ensino Médio.

Saudade da sala de aula:

Dou aulas há 22 anos. Vou me dedicar mais às famílias, ao trabalho com os professores e à orientação de alunos. Ainda não tive tempo de viver o luto da sala de aula, mas a saudade vai bater. **O que a maturidade ensinou:** Tenho mais cuidado com o outro. Era menos tolerante com opiniões diferentes das minhas com relação à educação dos filhos; mas hoje entendo que existe uma parceria da família com a escola. **O que a juventude ensina:** O educador percebe e vivencia diferentes experiências mais rápido, pelo contato com as novas gerações. **Realização:** Minha filha, de 8 anos. **Frustração:** Zero talento musical. Aos 4 anos, minha filha pedia que eu *não cantasse* pra ela dormir (*risos*). **Felicidade:** Quanto mais generoso, mais feliz você é.

Os bons filhos

Eles já foram alunos, hoje fazem parte do corpo docente. O que eles dizem sobre vestir a camisa do Sabin mais uma vez.



Priscila Guedes, Matheus Medeiros e Eduardo Silva: redescobrimo o Sabin.



Não faz muito tempo, o jovem **Eduardo Silva** ainda tentava se adaptar ao ritmo puxado de estudos que o vestibular impõe a uma 3ª série do Ensino Médio. **Rafael Rabassa** ainda era um adolescente, com a mesma preferência por roupas pretas, as mãos enfiadas nos bolsos e os cabelos compridos que mantém até hoje. Já **Carolina Magalhães** não tem de ir muito longe na memória para buscar a época em que, de vez em quando, precisava ser levada pelos inspetores de pátio de volta para a sala de aula.

As lembranças vêm marcadas pela nostalgia: hoje, os três ex-alunos do Sabin fazem parte do corpo docente do Colégio e dividem com seus ex-professores a tarefa de educar as novas gerações. Uma situação que os faz rever seus anos passados, com olhos mais críticos e com uma admiração ainda maior pela escola que os formou.

Eduardo está cursando Educação Física na Universidade de São Paulo (USP) e, neste ano, tornou-se estagiário do Programa Sabin+Esportes&Cultura, no qual dá aulas de Natação e de Iniciação Esportiva a alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. “Quando você é aluno, tem de aprender a respeitar o professor; quando é professor, tem de aprender a *ganhar o respeito* dos alunos”, diz o estagiário, resumindo um de seus maiores desafios. “Não quero ser um professor chato. Sou legal com os alunos, mas fazendo eles entenderem que tem hora para brincadeiras e hora para o estudo. Educar é também ensinar a escutar, a aceitar regras, no esporte e na sala de aula.”

Rafael, que hoje faz o curso de Licenciatura em Matemática na USP, apoia professores do 6º ao 8º ano do Fundamental na correção das lições semanais de Matemática. Como estagiário do Colégio, essa é sua principal função, mas ele também acompanha algumas aulas, assiste a palestras de formação dos professores e, durante o segundo semestre de 2011, teve a oportunidade de auxiliar nas aulas preparatórias para as Olimpíadas de Matemática a alunos do 8º e do 9º ano. A experiência consolidou sua vontade de seguir a carreira docente, ainda que tenha aberto seus olhos para as dificuldades do ofício. “Antes de ser professor, você não imagina como um grupo de alunos conversando, mesmo se for baixinho, num canto da sala, pode atrapalhar uma aula”, diz Rafael. Compartilhar das responsabilidades de ensinar a uma turma inteira,

O que faz um bom educador?

Ex-alunos voltam ao Sabin como educadores e buscam fazer jus à proposta pedagógica do Colégio.

“Concilia a necessidade de transmitir conhecimento ao aluno com a formação do espírito crítico.”

Matheus Medeiros, estagiário na área de História.

“Preocupa-se com cada aluno individualmente, cuidando para que nenhum fique para trás.”

Rafael Rabassa, estagiário na área de Matemática.

“Ensina não apenas o conteúdo acadêmico, mas também valores, como respeito ao próximo e espírito esportivo.”

Priscila Guedes, estagiária do Sabin+Esportes&Cultura.

“Além de ensinar, está disposto a aprender. Faz o trabalho feliz. Quer o melhor para os alunos.”

Angélica Mantovani, professora de Inglês.

“Respeita o aluno como um semelhante, cultivando uma troca constante.”

Thais Mistrello, professora de Inglês.



Rafael Rabassa, Carolina Magalhães, Angélica e Larissa Mantovani e Thais Mistrello: ex-professores agora são amigos e exemplos.

administrar as conversas paralelas, cuidar para que todos os alunos aprendam o conteúdo transmitido – “e sempre tem um que não entende no mesmo ritmo, e você precisa dar uma atenção individual” –, tudo isso fez Rafael concluir: “Se voltasse a ser aluno, agiria diferente”.

Um ano mais velho que Rafael e também estudante da USP, **Matheus Medeiros** estagia no Sabin ajudando os professores de História do Ensino Médio. Ao contrário do amigo, ainda não teve a experiência em sala de aula, mas a convivência com o corpo docente do Colégio já fortaleceu o seu respeito pelos antigos mestres. “Antes a gente não via o projeto pedagógico por trás do ensino, o planejamento das aulas”, diz Matheus. “Só agora percebemos o grau de complexidade da tarefa de educar.”

Se estar do outro lado da relação educador–aprendiz tem revelado surpresas para os ex-alunos do Sabin, uma coisa que *não surpreende*, segundo eles, é a convivência pacífica e respeitosa entre todos.

Carolina Magalhães, hoje uma professora da Educação Infantil querida por alunos e colegas, recebe bem-humorada a brincadeira dos inspetores de pátio mais velhos: “Eles dizem: ‘Tomara que seus alunos sejam tão bagunceiros quanto você foi’”. Confessando-se “apaixonada pelo Sabin” desde que estudou aqui, ela diz que o sentimento continuou o mesmo quando retornou. “É uma es-

cola que te deixa muito à vontade, seja você aluno ou professor”, diz Carolina. “Todos os professores e coordenadores estão sempre dispostos a te ouvir.”

Matheus e Rafael concordam, ressaltando que sempre tiveram uma ligação afetiva com a equipe do Colégio e que já se sentiam à vontade para dialogar abertamente com os professores, desde sua época de estudantes – o que lhes serve de exemplo hoje. “Quero ser um professor como os que eu tive no Sabin”, diz Rafael.

Sentimento semelhante é demonstrado pelas irmãs **Angélica** e **Larissa Mantovani** e por **Thais Mistrello**, três ex-alunas que hoje são professoras de Inglês do Colégio. “O Sabin fala muito de encantamento”, diz Larissa, “e eu fui encantada, como quero encantar meus alunos”. Elas acreditam que um dos motivos para isso é a “atmosfera bacana” do grupo de Inglês. Thais garante: “Já tínhamos uma boa proximidade com os professores antes; agora temos uma coisa maior, amizade”.

Priscila Guedes, estagiária do Programa Sabin+Esportes&Cultura, dá aulas de Ginástica Artística e tem como alunas desde meninas de 7 anos até mães. Cursando Educação Física na USP, Priscila acredita contribuir para a qualidade do Colégio, ao trazer novas opiniões que são recebidas com respeito pelos antigos professores: “Nós, que estamos fazendo faculdade, entramos em contato com novas teorias e trocamos experiências com eles. Eles aprendem conosco também”.



Ana Helena Kuznetzow é aluna da 1ª série A do Ensino Médio e autora desta matéria.

Esporte para iniciantes

Na Iniciação Esportiva, os alunos podem descobrir suas preferências e receber os benefícios das atividades físicas em grupo.

Tente lembrar: qual esporte mais lhe interessava quando você tinha seis anos? Se você for menino, é muito provável que responda “futebol”. Se for menina, “balé” é uma grande possibilidade. Mas e se você tivesse tido a oportunidade de experimentar vários esportes para só depois decidir?

Essa é uma das ideias por trás da modalidade **Iniciação Esportiva**, do Programa Sabin+Esportes&Cultura. Ela é oferecida aos alunos de 7 a 10 anos (do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental). Ao longo do ano letivo, as turmas dedicam dois meses para cada um dos quatro esportes que a modalidade abrange: basquete, futebol, handebol e voleibol. O foco não é desenvolver o lado competitivo do aluno, mas iniciá-lo no universo esportivo, da forma mais prazerosa possível e, quem sabe, revelar aptidões.

A estudante da 1ª série do Ensino Médio **Juliana Ribeiro Neves de Vascon-**

cellos recentemente recebeu o prêmio de melhor jogadora da Liga Paulista de Handebol em 2011. Porém, aos 8 anos, seu esporte preferido era o basquete. O que seria dela hoje se não tivesse sido apresentada ao handebol ainda cedo? Juliana reconhece a oportunidade de ter participado da Iniciação Esportiva e é uma de suas maiores defensoras: “No mundo onde os jogos virtuais e a internet dominam, é importante ter programas como a Iniciação, para estimular a atividade física”, diz a aluna.

De fato, a importância do esporte na infância não se resume a desenvolver talentos. Benefícios como estimular o raciocínio rápido, fortalecer a autoestima, contribuir para a atividade social e promover o trabalho em grupo estão na pauta do professor de Educação Física Paulo Rogério Vieira. Segundo o professor, a equipe responsável pela Iniciação Esportiva aproveita a dinâmica dos esportes para ensinar valores aos alunos,

como o respeito às diferenças pessoais e aos limites de cada companheiro. Os alunos também são estimulados a dividir os equipamentos usados em aula.

“Para a criança, o esporte é muito importante, pois ensina a lidar com a derrota e com a vitória”, diz Paulo Rogério. “Isso é fundamental. Não se deixar abalar por completo quando perder; entender que, quando somos derrotados, podemos evoluir, se identificarmos as falhas no nosso modo de competir e lutamos para que, da próxima vez, os resultados sejam melhores.”

Ele cita uma carta que o ex-presidente dos Estados Unidos (1809-1865) Abraham Lincoln teria escrito ao professor de seu filho: “Nas brincadeiras com os amigos, explique-lhe que a derrota honrosa vale mais que a vitória vergonhosa”. Essa seria, segundo Paulo Rogério, uma das muitas lições que você pode aprender na Iniciação Esportiva. Vale a pena!

